

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

Luiz Felipe da Silva
Brito*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v12i1128-155

Resumo: Este artigo é resultado de parte da minha defesa de Trabalho de Conclusão de Curso no qual procurei problematizar o processo revolucionário cubano através das páginas do Diário de Pernambuco. Com o objetivo de analisar qual seria a postura do periódico sobre o assunto, analisei os textos publicados entre 1958 e 1960 no periódico sem deixar de contextualizá-los no período a qual pertencem, o da Guerra Fria. A metodologia empregada se inicia com a separação e leitura da bibliografia geral sobre o tema. Também pensei na delimitação do problema de pesquisa e do recorte temporal. Me dediquei em procurar os textos no periódico, através da Hemeroteca Digital, e filtrá-los colhendo as informações importantes para referenciá-los. Após essa etapa, articulei esses fragmentos com a bibliografia previamente selecionada e só então comecei a escrever o texto. A partir disso foi possível conjecturar que o Diário de Pernambuco foi inicialmente favorável à Revolução (1958-9) e tornou-se oposição logo em seguida (1960).

Palavras-chave: Cuba; Diário de Pernambuco; Pernambuco; Revolução Cubana.

*Bacharel em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: luizfelipesilvabrito@hotmail.com

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

Introdução

Segundo Lúcia Gaspar, o Diário de Pernambuco (DP) é o periódico mais antigo em circulação na América Latina. Entre 1958 e 1960, recorte temporal proposto neste artigo, o periódico esteve sob o comando de Assis Chateaubriand que mantinha uma série de periódicos ao seu favor, os Diários Associados. De acordo com Gaspar:

[...] O Diário de Pernambuco foi fundado no dia 7 de novembro de 1825, pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão, no Recife. [...] Em 1828, a Tipografia do Diário ou Tipografia Miranda & Companhia mudou-se, indo instalar-se na rua das Flores (hoje Matias de Albuquerque) onde funcionou até 1831. Da rua das Flores foi para a rua da Soledade (então chamada de Corredor do Bispo), nº 498 e daí para a casa D1, da rua do Sol, depois para o Pátio da Matriz de Santo Antônio. Mudou-se ainda para a rua das Cruzes, a rua Duque de Caxias, nº 42 e, em 1903, para o seu endereço mais famoso, um edifício de estilo neoclássico situado na Praça da Independência, conhecida pelo povo pernambucano como “Pracinha do Diário”, onde permaneceu por 101 anos. [...] O Diário teve como proprietários, além do seu fundador, Antonino José de Miranda Falcão, o comendador Manuel Figueiroa de Faria (1835); o ex-senador do Império e líder político de Pernambuco conselheiro Rosa e Silva (1901); o industrial Carlos Benigno Pereira de Lima (1912); a cadeia dos Diários e Emissoras Associados, fundada por Assis Chateaubriand (1931); um Condomínio Associado, uma parceria entre jornalista e empresários pernambucanos (1994) e finalmente, em 1997, voltou novamente para as mãos dos Diários Associados. (GASPAR, 2004).

Entre 1958 e 1960, usamos o DP como fonte para analisar o processo revolucionário cubano. Em um contexto de Guerra Fria o periódico procurou respostas às perguntas sobre o caráter ideológico do movimento revolucionário, apoiou a derrubada de Fulgêncio Batista e se posicionou sobre os acontecimentos em Cuba antes, durante e após a Revolução.

A ditadura de Fulgêncio Batista¹, entre 1952 e 1959, aprofundou os problemas

¹ Segundo Luiz Fernando Ayerbe, Fulgêncio Batista apareceu na cena política cubana como um opositor à ditadura de Gerardo Machado (1925-1933). Batista assumiu o cargo de presidente da Ilha em 1940, posto que ocupou até 1944.

sociopolíticos e econômicos da Ilha:

57% da população era urbana e 43% era rural. [...] somente 35% da população contava com água potável e apenas 28% com instalações sanitárias dentro de casa. [...] O censo agrícola de 1946 revelava uma forte concentração de renda da propriedade: 114 propriedades agrícolas representavam 0,1% do número total de propriedades existentes, compreendendo, no entanto 20% da terra. E 8% do total de estabelecimentos agrícolas correspondiam a 71% de toda terra. Em contrapartida, as propriedades com menos de 10 hectares, as quais representavam 39% do total, compreendiam apenas 3,3% das terras. Nesse processo de concentração de terra nas mãos de poucos, o capitalismo americano desempenhou papel preponderante. Assim, em 1905 havia em Cuba 13 mil colonos norte-americanos proprietários de terras avaliadas em 50 milhões de dólares. [...] Em 1953, Cuba constituía o terceiro país latino-americano em importância para os investimentos norte-americanos, depois da Venezuela e do Brasil. Assim, a miséria, a insalubridade, o elevado índice de mortalidade infantil não pode ser atribuído exclusivamente aos ditadores que governaram Cuba, mas também ao capital norte-americano que sustentou essas ditaduras e explorou a economia do país. (BRUIT, 1988, pp. 63-65)

Nesse contexto de caos, a Revolução Cubana foi vista com esperança por vários setores da sociedade em Cuba e no Brasil. Na imprensa pernambucana, o DP demonstrou ânimo com a saída de Fulgêncio Batista da presidência. Segundo o periódico, “Batista corrompeu, e emprestou o ambiente; desorganizou a vida da nação.” (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 19/07/1959) e “a imprensa em todo o continente vinha sendo esmagadoramente anti Batista, criticando qualquer evidência de suporte a seu regime” (TURIAL, 2018, pp. 37).

Sendo assim, “a figura do tirano, encarnando todo o poder opressor, possibilitou a formação de uma verdadeira frente nacional de libertação”² (BRUIT, 1988, pp. 69), isso

Apesar de autoritário, o primeiro governo de Batista não foi considerado uma continuidade das ações de Machado. Em 1952 Batista voltou à presidência após liderar um golpe contra Carlos Príos Socarrás, interrompendo um frágil ciclo democrático que Cuba viveu entre 1944 e 1952. A partir de 1952 a ditadura de Batista catalisou os problemas socioeconômicos já existentes no país. Segundo dados trazidos por Héctor Bruit podemos inferir que o latifúndio, o imperialismo e a mortalidade infantil eram algumas características de Cuba na ditadura de Batista. Esses problemas já existiam antes, mas foram ampliados a partir de 1952.

² Segundo Héctor Bruit, quase todas as classes apoiaram os revolucionários. Dentre elas ele cita: os camponeses, os

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

porque os revolucionários angariaram a simpatia de vários segmentos da sociedade cubana:

Fidel ganhou porque o regime de Batista era frágil, sem nenhum apoio verdadeiro, exceto aquele motivado por conveniência e interesse próprio, e liderado por um homem que se tornara preguiçoso graças a uma longa corrupção. Ele tombou assim que a oposição de todas as classes políticas, da burguesia democrática aos comunistas, se uniu contra ele e quando os próprios agentes, soldados, policiais e torturadores do ditador concluíram que seu tempo acabara. Fidel provou que havia realmente acabado e, naturalmente, suas forças herdaram o governo. (HOBSEAWM, 2017, pp. 299)

Quando os Estados Unidos deixaram de apoiar a ditadura de Batista, a vitória dos revolucionários despontou como inevitável. Nesse sentido, a postura do DP foi se transformando quando comparamos a pré-revolução com o pós-revolução de forma que o periódico e as posições dos Estados Unidos pareciam estar alinhados. À vista disso, o tratamento para com a Revolução Cubana, seus líderes e desdobramentos é favorável em meados de 1958 e no começo de 1959 e hostil a partir dos anos 1960. Esse último comportamento cresce progressivamente e gera uma verdadeira oposição do periódico à Cuba.

O DP seguiu a cartilha anticomunista estadunidense demonstrando que defendia o “mundo livre” contra a ameaça soviética. Não é incomum encontrar artigos, reportagens e textos que faziam alusão à benevolência dos EUA. Destarte, essa era a abordagem do DP: defesa das ideias de democracia estadunidense, horror a ditaduras, demonização da União Soviética e anticomunismo.

trabalhadores e os estudantes. Além disso é importante ressaltar que a frente nacional de libertação também foi formada por organizações que já eram oposição à ditadura. Bruit também ressalta a participação da burguesia cubana. Liderados Por Fidel Castro, Che Guevara e Raúl Castro os revolucionários lutaram por três anos sustentando guerrilhas no campo e comandos nas cidades até a fuga do ditador no ano novo de 1959.

É importante salientar que as publicações no periódico, entre 1958 e 1960, nunca abriram espaço para opiniões divergentes. A maioria dos textos utilizados para compor este trabalho não possuem assinaturas. Entretanto, alguns colaboradores como Aníbal Fernandes³ apareceram com frequência nas páginas do DP. Além de Fernandes, usamos um texto de Austregésilo Athayde⁴ e um outro da Sociedade de Estudos Interamericanos, além de um texto de Assis Chateaubriand, proprietário do periódico.

Fidel Castro não é comunista

A frente nacional de libertação que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista foi vista com esperança nas publicações do Diário de Pernambuco, no final de 1958 e em parte de 1959. Para o DP, as expectativas eram a de que Cuba retornaria à normalidade democrática-liberal comum ao hemisfério ocidental. A Revolução que expulsou Fulgêncio Batista do poder em Cuba não foi só elogiada como também colocada como exemplo para a situação pernambucana:

Fidel Castro desencadeou em Cuba a guerra total, para desmontar do poder o usurpador Batista. Chegou a hora de fazer-se o mesmo, aqui, para arrear de uma vez da cena um partido, que só tem em seu ativo espancamentos, surras e morte de um homem; e acima de tudo, o jogo do bicho oficializado. (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 09/04/1958)

Nesse trecho, Aníbal Fernandes, convicto liberal e recorrente editor no Diário de Pernambuco, fez uma crítica ao Partido Social Democrático (PSD) que governava Pernambuco na época. O DP era oposição ao governador Osvaldo Correio de Farias e tomou como exemplo positivo a experiência revolucionária cubana. Esse trecho reflete

³ Aníbal Fernandes foi político e jornalista, além de membro da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

⁴ Austregésilo de Athayde foi jornalista e professor que presidiu a Academia Brasileira de Letras entre 1959 e 1993.

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

a influência positiva da Revolução na Ilha, no hemisfério e especialmente no Brasil.

Entre 1958 e parte de 1959, o periódico exaltou a experiência revolucionária cubana sem deixar de demonstrar preocupação acerca do caráter ideológico dos elementos que constituíram o processo revolucionário. De certo, aclarar as ideologias que estiveram inseridas no movimento revolucionário e, posteriormente, no governo revolucionário, eram essenciais.

As indagações sobre o caráter ideológico de Fidel Castro eram uma preocupação constante. Inicialmente, era comum até mesmo para os próprios revolucionários afastarem as acusações de que Fidel Castro era comunista: “O DIRIGENTE REVOLUCIONÁRIO Ernesto Guevara, médico argentino, um dos principais comandantes das forças de Fidel Castro, declarou em uma entrevista à imprensa, que é muito esquerdista, porém não é comunista.”⁵ (Diário de Pernambuco, 11/01/1959)

Em destaque para o título Fidel Castro diz que não é comunista e que o comunismo não terá êxito em seu país, o Diário de Pernambuco noticia que Fidel Castro declarou que não era comunista: “O primeiro ministro de Cuba Fidel Castro manifestou, hoje, aos dirigentes da Comissão de Relações Exteriores do Congresso, que não é comunista e que o comunismo não tem perspectiva de êxito em Cuba.” (Diário de Pernambuco, 18/04/1959)

Essa questão do caráter ideológico discutida exaustivamente entre as publicações do DP, jornais dos Estados Unidos e principalmente entre os funcionários de Washington, é ímpar. Inicialmente, o governo revolucionário não era socialista.

⁵ As palavras que aparecem em caixa alta se apresentam dessa forma na fonte primária.

Quando Fidel Castro foi preso, em 1953, após o assalto ao quartel Moncada, escreveu um documento conhecido como A história me absolverá que, segundo Chomsky,

[...] esboçou um projeto revolucionário. Castro invocou os cubanos desempregados, os camponeses e trabalhadores rurais, e os profissionais urbanos para quem a corrupção política fechava todas as oportunidades. Ele apresentou cinco “leis revolucionárias” que os revolucionários de Moncada pretendiam implantar: restauração e implantação da Constituição de 1940, uma reforma agrária que colocasse a terra nas mãos daqueles que a cultivam, a obrigação dos empregadores de dividir os lucros com os trabalhadores, mercados garantidos para os pequenos fazendeiros de açúcar, e confiscação de todas as empresas obtidas por fraude e corrupção. Todas essas leis revolucionárias, destacou ele, baseavam-se na própria Constituição, a qual restringia grandes latifúndios e proporcionava direitos trabalhistas.” (CHOMSKY, 2017, pp. 43)

Esse era o plano de governo que deveria ter sido adotado pela coalizão que chegou ao poder em 1959. O caráter reformista e constitucional do programa posiciona o governo revolucionário, inicialmente, em consonância com boa parte dos movimentos da América Latina, os quais, dentro da legalidade, buscavam a ampliação de direitos sociais. A diferença entre Cuba e os últimos é que, enquanto a maioria desses movimentos tentavam emplacar seus projetos pelas vias eleitorais, na Ilha, isso foi feito com o uso da violência por meio da guerrilha.

Desde que a Revolução foi vitoriosa, as relações com os Estados Unidos se tornaram complexas, porque os estadunidenses não estavam preocupados apenas com as propriedades e investimentos que mantinham na Ilha, também haviam interesses estratégicos:

Os Estados Unidos tinham nessa ilha interesses diretos, que não eram meramente econômicos, relacionados com o açúcar e o tabaco. Seus interesses eram igualmente estratégicos. A posse de Cuba, [...] era percebida como fundamental para a segurança das rotas no Golfo do México e a defesa do canal que o governo norte-americano, quase 50 anos antes, projetara abrir no istmo do Panamá. (BANDEIRA, 2012)

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

E sobre a questão de interesse econômico, escreve Chomsky:

Embora os pronunciamentos públicos dos EUA sobre a Revolução Cubana dessem destaque à questão do “comunismo”, um olhar atento à correspondência interna do governo norte americano da época mostra uma preocupação um tanto diferente. Nos primeiros anos da revolução, as questões de influência soviética, direitos humanos ou ameaça militar aos Estados Unidos raramente vinham à tona na correspondência diplomática norte-americana. Em vez disso, a preocupação do Departamento do Estado dos EUA e dos diplomatas in loco era o tipo de políticas econômicas que Cuba adotaria e como as empresas norte-americanas em Cuba seriam afetadas. (CHOMSKY, 2015, pp. 50)

A preocupação com o caráter ideológico do governo certamente foi acentuada por causa da Guerra Fria e estava relacionada com a defesa do modelo de acumulação capitalista. O esperado era que Cuba adotasse políticas econômicas em consonância com o projeto de hegemonia capitalista e liberal representado pelos Estados Unidos no hemisfério ocidental. Essas características, além de gerir as relações entre Cuba, Estados Unidos e, por consequência, a América Latina, também influenciaram a postura política nos textos publicados pelo DP.

Dentro dessa lógica, é interessante observar, no discurso do Diário de Pernambuco, que o periódico estava alinhado à ideologia liberal estadunidense e o quanto faz defesa da mesma. Na maioria das vezes, as questões sobre Cuba envolvem os Estados Unidos ou têm os Estados Unidos como principal agente. Essas características nos ajudam a entender que o DP foi seguindo as posições dos EUA sobre Cuba entre 1958 e 1960.

Apesar das desconfianças dos Estados Unidos e sua repercussão no DP, inicialmente, o periódico mostra-se favorável à chegada da Revolução Cubana.

Romantizando a figura de Fidel Castro, o DP conjecturou que o governo revolucionário se enquadraria ao padrão da democracia liberal, da qual os Estados Unidos eram o principal expoente. A maneira como o periódico trata Fidel Castro, exortando biograficamente seus feitos políticos, comprova a inclinação favorável do periódico ao processo revolucionário:

Pesando 90 quilos, medindo mais de 1.80 de altura, Fidel Castro, aos 32 anos de idade, tornou-se legendário por seu arrojo e determinação. [...] Sem necessidade de exercer a advocacia, fê-lo, todavia, para defender injustiçados e, em 1952, foi indicado para o Parlamento, na chapa de oposição a Batista. [...] Fidel Castro esteve preso até 1955, quando foi decretada a anistia para os presos políticos. Organizou então um grupo, cujo objetivo era derrubar o ditador. [...] No dia em que entraram em Havana, vencedores, os primeiros homens barbudos e fardados, a cidade delirou. A multidão ovacionava Fidel [...] estava cumprida a missão que se impusera. [...] A Cuba de Fidel Castro está agora livre do terror, foram restauradas as liberdades civis, e a corrupção parece estar-se extinguindo. O mundo livre espera que disto resulte a verdadeira democracia que o povo cubano merece. (Diário de Pernambuco, 04/06/1959)

A história de Fidel Castro e da libertação de Cuba é o título do fragmento da publicação acima. Esse título deixa implícito que a história de Fidel Castro se confunde com a história da libertação de Cuba. Nos fins de 1958 e partes de 1959, as publicações no DP mostravam entusiasmo com o rumo da Ilha. A esperança de uma democracia liberal que deveria ter sido implantada, deixa explícito que a Revolução, para o DP, deveria fazer Cuba se unir ao mundo livre, democrático, liberal, enfim, ao ideal de progresso tão almejado para o hemisfério ocidental pelos Estados Unidos.

O clima esperançoso de que a derrubada da ditadura iria trazer a democracia aos moldes liberais estadunidenses é claro, por exemplo, quando o periódico publica a matéria Fidel Castro lutou cinco anos para derrubar F. Batista e restaurar a democracia em Cuba legitimando a Revolução através da ênfase do apoio popular que o movimento revolucionário obteve: “Fidel Castro, chefe rebelde cubano cujas táticas

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

de guerrilha derrotaram as forças armadas de terra, mar e ar do governo do ex-ditador Fulgêncio Batista, foi recebido com uma estrondosa ovação pelos habitantes de Santiago de Cuba.” (Diário de Pernambuco, 03/01/1959)

Fidel Castro chegou a visitar o Brasil em 1959, poucos meses após a Revolução, e foi recebido por várias personalidades de diferentes espectros políticos. Além do presidente Juscelino Kubitschek, o vice João Goulart e o então Ministro de Guerra Henrique Teixeira Lott, Fidel Castro também esteve com Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Acerca da visita de Fidel Castro ao Brasil, o DP publica: “O primeiro ministro cubano, Fidel Castro, foi convidado de honra em uma recepção oferecida, ontem à noite, na embaixada do Brasil nesta capital pelo embaixador Vasco Leitão da Cunha⁶ e sua esposa.” (Diário de Pernambuco, 02/04/1959). Todos esses aspectos enfatizam o quanto a imagem de Fidel Castro estava, naquele momento, legitimada por várias personalidades de espectros políticos diferentes.

A simpatia de personalidades políticas aos líderes da Revolução e o apoio dado ao governo revolucionário pelo DP pode ser compreendido como resultado da antipatia que a ditadura de Fulgêncio Batista causou entre vários segmentos da sociedade em Cuba e no mundo. Isso se deu, certamente, pelo caráter amplo da Revolução. A ditadura de Batista fez com que os olhares sobre a Revolução Cubana fossem inicialmente esperançosos, apesar da desconfiança que alguns elementos no governo revolucionário causavam. Sobre isso, concordo com Sabadini em sua pesquisa

⁶ Vasco Leitão da Cunha era anticomunista. Assumiu a pasta da Justiça e dos Negócios, em 1941, no Estado Novo. Também foi Secretário-Geral, em 1954 e 1961, além de embaixador, nesses anos. Na ditadura militar, foi Ministro das Relações Exteriores entre 1964-1965, e entre 1966 e 1968 chefiou a Embaixada brasileira em Washington.

sobre o Diário de Notícias do Rio Grande do Sul, quando ela diz que

Em todos os artigos analisados que tratam direta ou indiretamente sobre Cuba, o nacionalismo e o anti-imperialismo são os assuntos mais recorrentes. Nas reportagens do Diário de Notícias, no ano em que ocorreu a eclosão da Revolução Cubana, ficou claro o apoio dado aos “barbudos liderados por Fidel Castro”. Tendo derrubado uma ditadura despótica e sanguinária, eles representavam a esperança de democratização da ilha caribenha. (SABADINI, 2014, pp. 63)

Seja em artigos de opinião ou em textos informativos, o discurso do periódico é de total alinhamento com as ideias de democracia que emanaram dos Estados Unidos. No texto abaixo, o jornalista Aníbal Fernandes revela sua posição sobre a reforma agrária, comenta sobre a renúncia do presidente Manuel Urrutia e defende que Castro deveria, antes de tudo, estar alinhado aos interesses estadunidenses:

Parece que a renúncia de Fidel Castro não resultou de nenhuma pressão americana, como se poderia imaginar. [...] Aliás, o presidente Eisenhower havia declarado que não acusou Fidel de comunista; [...] Naturalmente, não serviria à causa da paz ou da comunidade americana que uma ponta de lança comunista se infiltrasse em Cuba ou em qualquer outro lugar do continente [...] O mundo hoje está dividido em zonas de influência. As nações não podem viver sozinhas, nem isoladas. [...] O fato de o sr. Fidel Castro estar querendo adotar no país uma reforma agrária, não quer dizer que ele esteja encaminhando a ilha para uma experiência marxista. [...] é muito possível que os comunistas queiram tirar o melhor partido da revolução cubana [...] O próprio presidente Urrutia, que acaba de renunciar, afirmara que as tentativas vermelhas estavam à vista. O próprio Fidel Castro, porém, é que deve ajustar-se nos melhores termos com os Estados Unidos; levando em conta que são o seu principal mercado consumidor. [...] Acontece, hoje, em Cuba o que aconteceu na Argentina e em outros países da América: a ditadura foi de tal modo nefasta, que afetou gravemente a nação. O que se vê num país adiantado, culto e rico como a Argentina, é sintomático. Os males causados pelo “peronismo” não são fáceis de curar. Assim, é em Cuba. Batista corrompeu, e empestou o ambiente; desorganizou a vida da nação. (FERNANDES, *Diário de Pernambuco*, 19/07/1959)

A crise entre Manuel Urrutia⁷ e Fidel Castro se deu porque, segundo Emir Sader,

⁷ Segundo Eduardo Scheidt, Manuel Urrutia era um político moderado oriundo de uma família oligárquica dissidente. Luiz Fernando Ayerbe discorre que Urrutia era magistrado e se destacou pela defesa dos que foram presos por Batista em 1956. Scheidt acredita que a reforma agrária, que eliminou o latifúndio em Cuba, afastou setores moderados

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

o governo de coalizão que se formou após a vitória da Revolução era majoritariamente de oposição moderada à Batista e ocupava esses espaços por exigências formais. Entretanto, o poder era exercido pelo Exército Rebelde e pelo primeiro-ministro Fidel Castro. Logo as divergências apareceram:

Alegando que o presidente Urrutia constituía um obstáculo para a aplicação do programa do Moncada, Fidel pediu demissão em julho de 1959, o que provocou imediatamente – em meio a manifestações de apoio ao primeiro-ministro – a renúncia do presidente e sua substituição pelo advogado Osvaldo Dorticós Torrado, que passou a governar coordenadamente com Fidel, que reassumiu seu posto. (SADER, 1992, pp. 72)

As crises no início do governo revolucionário repercutiram no mundo todo. No DP, o que mais se observa é a discussão sobre o caráter da Revolução, do governo revolucionário, e, especificamente, de Fidel Castro, já que ele foi o chefe da Revolução e também primeiro-ministro. Houve, então, no DP, uma tímida defesa a Fidel Castro, apesar de ele estar tentando aplicar reformas que, naquele contexto de Guerra Fria, poderiam ser consideradas subversivas.

Não nos cabe aqui comentar sobre as reformas empreendidas pelo governo revolucionário, mas, em geral, as nacionalizações e/ou confisco de empresas estrangeiras, a proposta de reforma agrária e urbana e os famosos paredões⁸ aumentavam a especulação acerca do caráter – até então indefinido – do governo cubano. Sob o título Teme-se em Washington: governo de Fidel Castro caía em Poder do comunismo, o Diário de Pernambuco noticiava a preocupação dos Estados Unidos

cubanos e estadunidenses. Para ele, a radicalização do processo fez com que tais setores moderados se afastassem do processo revolucionário, especialmente após a renúncia do presidente Urrutia.

⁸ Segundo Vannildo Mendes e Antonio Milena, em artigo para a Agência Brasil, os paredões foram implantados em 1959 para expurgar os contrarrevolucionários, criminosos de guerra e pessoas ligadas ao regime anterior. A pena capital era a execução do acusado. Segundo os autores, a prática tirou dezenas de milhares de vidas.

com relação ao contexto cubano:

Altos funcionários temem que o governo cubano do premier Fidel Castro esteja na iminência de ser dominado pelos comunistas. Esses funcionários disseram não acreditar que Fidel seja comunista, mas consideram que alguns dos seus recentes atos não poderiam servir melhor à causa comunista se fosse ele no caso membro ativo do Partido. Fontes diplomáticas que observam o turbulento cenário cubano acreditam que a inclinação do movimento de Fidel Castro para a esquerda deverá ser aguçada num futuro próximo. Estas fontes receiam que, em breve, haverá uma definição entre elementos moderados ainda colaborando com o Governo de Castro e a extrema esquerda liderada pelo irmão do primeiro-ministro, Raul Castro, e pelo comandante Ernesto Che Guevara. (Diário de Pernambuco, 12/11/1959)

As advertências acerca do caráter ideológico do governo de Cuba tentam isentar Fidel Castro da acusação de ser comunista, mas deixam claro que existem quadros comunistas dentro do governo e que esses procuravam se infiltrar para dominar o comando da Ilha. Com efeito, o tímido apoio do DP à Revolução e ao governo revolucionário começa a perder fôlego enquanto as desconfianças e o tom de advertência ganham espaço e retórica nas folhas do periódico. Isso se deu porque a oposição dos Estados Unidos à Cuba também se acentuou, e o DP acompanhou as mudanças nas posturas tomadas pela Casa Branca em relação à Ilha.

Tudo isso se apresentou nos fins de 1959, à medida que os embates entre os interesses revolucionários e os dos Estados Unidos tomavam caminhos distintos:

[...] Fidel Castro fez a revolução contra Batista; expulsou-o; mas não sabe governar. É um homem agitado; sem programa; que até hoje só tem sabido complicar as coisas. Vive a culpar os Estados Unidos de coisas imaginárias, quando os americanos se dão tão bem com os mexicanos e não querem complicações com os vizinhos. [...] A verdade é que Fidel Castro se acha atacado da mania de perseguição, acusando Deus e o mundo de persegui-lo e procura derrubá-lo do poder, com a conspiração estrangeira. [...] Infelizmente, vemos que Castro continua falhando ao seu destino; e se soube derrubar Batista, não soube ainda fazer entrar o seu país num rumo de equilíbrio e bom senso. [...] (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 25/10/1959)

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

Como foi observado, o apoio dado à Revolução é tímido e comedido e durou entre 1958 – antes da tomada do poder pelos revolucionários – até antes das festas de fim de ano, em 1959. Ainda em 1959, já é possível perceber a mudança de postura que os textos no DP estavam prestes a mostrar nos anos seguintes. Sobre isso, Aníbal Fernandes pontua: “Estamos nos aproximando de um ano do governo de Fidel Castro, em Cuba, e infelizmente não chegamos ainda à fase construtiva. [...] Cuba é uma ditadura; não se rege por princípios liberais.” (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 08/12/1959)

Os pelotões de fuzilamentos dos acusados de crimes ou agentes da ditadura de Batista, as nacionalizações das empresas estrangeiras, os problemas com os Estados Unidos e principalmente a demora para convocar eleições gerais em Cuba, após um ano de governo revolucionário, foram, sem dúvida, os principais motivos para a mudança de postura do periódico.

Em dezembro de 1959 já é possível perceber a frustração do periódico com a Revolução Cubana. Os conflitos resultantes das ações do governo revolucionário na Ilha iam de encontro ao perfil liberal e anticomunista dos Estados Unidos, também defendidos pelo DP, e deram base à nova posição que o periódico adotou em concordância com as críticas dos EUA sobre Cuba.

Fidel Castro: “o destruidor implacável da liberdade”

Em 1960, o Diário de Pernambuco parou de cobrar posturas liberais de Fidel Castro. Isso se deu porque, diferente de antes – quando escrevi que o DP acreditava que Fidel Castro não era comunista –, o DP passou a perceber em Fidel Castro atitudes consideradas não convenientes ao projeto liberal defendido pelos Estados Unidos para o hemisfério ocidental. Sendo assim, o periódico se preocupou em advertir o perigo que Cuba poderia representar para a ordem estabelecida. A partir de então, o DP se colocou em oposição aberta:

Um ex-organizador comunista declarou hoje que Cuba é a “Cabeça de ponte da qual o Comunismo Mundial lança sua invasão Ideológica da América Latina” [...] Acrescentou que sua estratégia “é encobrir as faltas de Fidel Castro e fazê-lo passar por um reformador agrário.” (Diário de Pernambuco, 06/01/1960).

Nas matérias que tratam de política no DP, as quais deveriam ter o objetivo de fornecer informações ao leitor – e que deveriam ser informações neutras –, a construção textual ou a estrutura argumentativa do texto deixa explícito que, para o periódico, o governo de Cuba é comunista e conseqüentemente autoritário. Sendo o governo cubano um regime ditatorial, todo tímido apoio dado à Revolução no ano anterior é visto com arrependimento:

[...] Toda a imprensa brasileira apoiou com entusiasmo a revolução de Sierra Maestra. A bravura, o desprendimento, o idealismo da juventude que pegou em armas para abater a ditadura de Batista, comoviam e arrastavam o nosso coração. Mas logo depois do triunfo, vimos que Fidel Castro só pensava em vingar-se e o fuzilamento de seiscentas vítimas do ódio político puseram a nu uma realidade constrangedora. Hoje a ditadura cubana é a mais cruel do continente e ficará nos anais da ilha como uma página de opressão e luto. Machado e Batista poderão até ser lembrados com saudade. No momento em que alguns governos se voltam contra o regime de Trujillo, na República Dominicana, pergunta-se o que esperam para demonstrar também a sua repulsa aberta a Fidel Castro, o destruidor implacável da liberdade. O instrumento servil de interesses antiamericanos. (ATHAYDE. Diário de Pernambuco, 22/05/1960)

Portanto, para o DP, Cuba era um “instrumento servil de interesses

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

antiamericanos". Antiamericano, nesse sentido, deve ser entendido não como uma referência aos Estados Unidos, mas ao continente americano como um todo. Em um contexto de Guerra Fria, isso significou a ampliação da insegurança no continente.

Havia um debate acerca do comunismo em Cuba nas páginas do periódico. Contudo, as acusações de que o governo cubano era comunista, em 1960, são exemplos das distorções de conceitos trazidas pela mentalidade maniqueísta da Guerra Fria no continente. Emir Sader resume o porquê da Revolução em Cuba não ser comunista, naquele momento. Segundo ele, ainda em 1961, a Ilha não era um Estado socialista ou comunista:

Desde o triunfo contra Batista, a revolução cubana desenvolveu reformas democráticas e outras que já afetavam os interesses das grandes empresas capitalistas, basicamente norte-americanas. A sociedade cubana, em abril de 1961, não era uma sociedade socialista pelo caráter de sua estrutura social [...] (SADER, 1992, pp. 83)

Além disso, os próprios atores sociais da Revolução e do governo esclareceram que não eram comunistas. Porém, o DP insistiu em defender o contrário, como podemos observar no seguinte fragmento:

A estação de rádio oficial Mambi que todas as noites transmite violentos "editoriais" anti estadunidenses advertiu, ontem, que se os EUA enviarem os fuzileiros navais a Cuba, esta ilha se converterá em "outra Coréia" [...] A estação afirmou que não procede a afirmação de que os EUA jamais permitirão que Cuba se transforme num centro de comunismo [...] "Nós não somos comunistas – prossegue a emissora – somos humanos, mas o EUA querem, com todo o seu poderio, fazer crer ao mundo que somos comunistas." (Diário de Pernambuco, 26/01/1960)

O título da manchete da qual foi retirado o trecho acima é: Governo adverte: Cuba pode transformar-se numa Coréia. Nele, podemos perceber que é dada uma ênfase aos "violentos editoriais" da rádio cubana Mambi contra os Estados Unidos, que,

para o DP, é o exemplo de democracia a ser seguido; assim, um ataque aos Estados Unidos pode ser entendido como um ataque aos fundamentos básicos da civilização ocidental. Nota-se ainda que o periódico critica a posição da rádio, a qual era vinculada ao governo cubano, por seus discursos “antiestadunidenses”. Dessa forma, deslegitima a confirmação de que o governo de Cuba não era comunista.

A oposição aberta que o periódico fez ao governo cubano se tornou cada vez mais assídua. Os fragmentos dos textos usados neste trabalho escancararam as convicções políticas não só do Diário de Pernambuco, mas também daqueles países que não eram aliados do Leste Europeu. Tais convicções sublinham a defesa do ideário democrático-liberal:

Uma das mais repugnantes e sanguinárias ditaduras da América dos nossos dias, é a do tirano de Cuba. Este usurpador envergonha o seu país e o continente pelo fundo cruel da sua natureza e pela sua contribuição maligna à insegurança do hemisfério. [...] Tudo o que está elaborando em Havana, como expressão do nacionalismo latino-americano, não passa do melhor e do mais autêntico imperialismo eslavo. Só um politiqueiro da leviandade integral do sr. Fidel Castro ousaria abrir neste hemisfério, em sua linha de segurança, a brecha que está rasgando para a União Soviética o ditador antilhano. [...] (CHATEAUBRIAND. Diário de Pernambuco, 21/02/1960).

Chateaubriand inicia esse texto repercutindo a possibilidade de Jânio Quadros visitar Havana, que para ele era uma atitude incompatível com a tradição democrática brasileira. Em vista disso, Chateaubriand chegou a pedir o rompimento das relações diplomáticas entre Cuba e Brasil. Outro aspecto importante a ser destacado é a acusação de que Cuba estava a serviço do imperialismo soviético, mesmo que nos anos 1960 as relações entre Cuba e a União Soviética não fossem homogêneas. Esse texto de Chateaubriand é uma das críticas mais severas a Castro, ao governo revolucionário e à Revolução que encontrei no Diário de Pernambuco.

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

No fragmento em análise, é importante salientar a acusação feita por Chateaubriand de que Cuba é a culpada pela “insegurança no hemisfério” ou, em outras palavras, por trazer a Guerra Fria para o continente latino-americano. De fato, a Revolução Cubana teve grande influência na composição dos elementos políticos latino-americanos no contexto da Guerra Fria, e a resposta dos Estados Unidos aos atos do governo cubano, na década de 1960, trouxe instabilidade política aos países da América Latina.

De qualquer forma isso não significou que a insegurança no hemisfério foi resultante apenas do governo cubano e de suas medidas. Desde a aprovação da Doutrina Truman⁹, em 1947, os Estados Unidos operavam pela aniquilação da influência comunista no continente. Um exemplo disso foi a criminalização dos partidos comunistas na América Latina em partes do século XX. Desse modo, “o anticomunismo estadunidense se transformou, em distintos casos, em antinacionalismo, [...]”. (PETTINÀ, 2019, n.p., tradução do autor).

Consequência do reordenamento da política externa dos Estados Unidos, vários países sofreram interrupções nos seus processos de mudanças sociais com o fim da política de boa vizinhança, ainda nos fins de 1940. Segundo Pattine,

O resultado deste processo foi uma gradual inversão das dinâmicas de democratização e uma desaceleração das agendas de ampliação dos perímetros sociais das nações latino-americanas, como mostram com bastante clareza os casos da Colômbia, Peru, Venezuela e Cuba entre 1948 e 1952.

⁹ Segundo Izan Reis de Araújo a Doutrina Truman é resultado do reordenamento da política externa dos Estados Unidos. Com a ascensão da União Soviética, os estadunidenses deixam o isolacionismo e assumiram o protagonismo político internacionalmente. Percebendo a ameaça que o socialismo poderia representar, os formuladores da política externa do Governo Harry, decidiram, em 1947, criar um documento que impedisse o avanço da União Soviética pós-guerra. Acredito que é a partir desse mecanismo que a Guerra Fria tem sua gênese.

(PETTINÀ, 2019, n.p., tradução do autor)

Nesse contexto, o DP adotou o discurso de que Cuba “traiu” sua própria Revolução e que se fez representante da União Soviética no “mundo livre”. Colocando em questão as relações econômicas entre os soviéticos e os cubanos o periódico alertou para o perigo que tais relações poderiam trazer à paz no continente americano:

[...], mas que Fidel dê marcha a ré na sua política e se situe no raio de influência soviética, eis o que é uma traição aos ideais democráticos, que são ideais americanos. Nem poderíamos acreditar na sua sinceridade, nas manifestações contra Trujillo, quando se põe a reboque de uma das mais sinistras ditaduras de todos os tempos. [...], todavia, é altamente perigoso que Cuba tenha entrado na órbita econômica russa, quebrando assim sentimentos generalizados de toda a América, em torno de um ideal de vida comum. (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 21/02/1960)

Como é possível observar, a oposição à Cuba exercida pelo periódico tornou-se cada vez mais densa. Por isso, não demorou para que o DP começasse a comparar o regime anterior com o regime até então vigente. Fazendo interlocuções entre a ditadura de Vargas e a de Castro, a retórica adotada pelo periódico, em 1959, na qual Fidel Castro lutou para derrubar uma ditadura despótica, deu espaço ao saudosismo:

O 3 de março de 1945 marca o divórcio integral do nosso povo com a Ditadura. Pode-se dizer que havia uma Revolução no ar. O povo se convencera de que fora e continuava sendo traído. A revolução de 30 foi feita para libertar o Brasil da corrupção e da fraude. Mais ou menos como o fizera o ano passado em Cuba, o caudilho Fidel Castro. Todavia, em vez de uma República Liberal, expulso do poder o partido então dominante, presos e exilados seus correligionários, que se viu? A instauração de um regime mil vezes pior; vingativo; negativista; sem programa fundado no privilégio; no filhotismo mais descarado; na soberba dos novos dominadores, que passeavam sua importância de novos céсарs. (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 03/03/1960)

As comparações entre Castro e Batista se tornaram recorrentes no DP. Certamente foi uma forma encontrada pelo periódico para mostrar que os dois regimes eram igualmente repudiáveis. Todavia, o DP parecia ser menos hostil à ditadura de Batista. Em um texto abordando as relações entre Cuba e Estados Unidos,

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

Fernandes responde às acusações de que as restrições feitas pelos Estados Unidos poderiam aglutinar mais ainda Fidel Castro e os comunistas:

Fidel Castro não trata os jornais de modo diverso do de Batista. O barbudo, agora todo voltado para o comunismo, fechou todos os jornais, que tiveram a audácia de criticar o seu regime. [...] Alguns jornais americanos são de opinião que as últimas restrições, feitas pelo governo de Washington, no plano econômico, concorrerão ainda mais para aproximar Fidel e seu grupo de comunistas; mas na realidade essa tem sido sua disposição constante, desde o começo. [...] (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 23/10/1960)

Nesse contexto, o DP enfatizou a versão na qual a Revolução foi desvirtuada e seu propósito inicial foi usurpado por Fidel Castro e os elementos comunistas no governo. À medida em que o primeiro-ministro cubano impetrou acusações aos Estados Unidos de preparar uma invasão à Cuba para derrubar o governo, o periódico publicava textos, fossem eles opiniões ou informativos, afirmando que isso era parte de jogo argumentativo de Fidel Castro:

Somente duas pessoas no mundo, acreditam que os americanos vão invadir Cuba, para derrubar o ditador Fidel: o chanceler Raul Roa e o ministro Valerian Zorin. [...] A esta hora, Fidel é um renegado que traiu os ideais da Revolução Cubana; que mentiu às promessas feitas à mocidade e ao povo. É possível que rebente a cada hora um movimento contra Fidel; mas ou os americanos perderam por completo a cabeça ou não haverá invasão nenhuma, de origem ianque. (FERNANDES. Diário de Pernambuco, 29/10/1960)

De certo, os textos analisados no DP procuravam alertar para um suposto perigo que Cuba trouxe para a América Latina. Mesmo antes da adesão ao socialismo e da aproximação com a União Soviética, as notícias e os artigos de opiniões no DP deram amplo espaço à luta anticomunista. O teor do conteúdo anticomunista presente nesses textos revela a profundidade do conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética dentro da América Latina. Podemos citar como exemplo a Sociedade de Estudos

Interamericanos, que discutiu o que seria a definição de nacionalismo em uma tentativa de esvaziar um dos sentidos da Revolução Cubana e dos atos do governo revolucionário:

[...] Nacionalismo, realmente nacionalista, é patriótico, é democrático [...] não é nacionalismo, nem pode ser aceito pelo povo como tal, qualquer conceito que objetive atrelar-nos ao bloco das nações comunistas em sua empreitada contra o mundo livre. [...] Nacionalismo não é enfraquecimento da democracia, não é combate à livre empresa, não é estatização desenfreada, o que cria condições para um acentuado dirigismo que conduz forçosamente ao totalitarismo, pela subordinação de toda a vida econômica e política ao governo. [...] Fazemos parte do mundo livre que se orienta por normas entre as quais a mais importante é a liberdade do homem baseada no respeito à pessoa humana. [...] Temos, portanto, a responsabilidade de denunciar a traição cubana, perpetrada pelo governo de Fidel Castro contra o seu próprio povo e as nações do Continente. Temos a obrigação de alertar a opinião pública nacional para a estratégia e as táticas do Nacionalismo Vermelho visando envolver e arrastar, uma a uma, as nações latino-americanas para a SOVIETIZAÇÃO. Hoje não existem dúvidas: Cuba foi transformada em agente de subversão e de provocação, conspirando contra a segurança e a paz dos povos latino-americanos. (Sociedade de Estudos Interamericanos: Diário de Pernambuco, 06/11/1960)

O texto acusou as Ligas Camponesas e “grupos armados no nordeste brasileiro” de cooperação no suposto plano comunista de desestabilização política do país. O trecho a seguir revela a influência da Revolução Cubana nas esquerdas brasileiras e a mentalidade anticomunista presente no DP:

[...] As atividades dos agentes cubanos e de seus subagentes brasileiros nos movimentos sindicais e estudantis, na imprensa, nas Ligas Camponesas, na formação de grupos armados no nordeste, no entrosamento das atividades peronistas nas regiões fronteiriças do sul do país, no dilúvio da propaganda e literatura subversiva evidenciam que o maior esforço do APARATO vermelho se processa por intermédio da OPERAÇÃO CUBANA, contando com o apoio dos que traíram a redemocratização e o povo daquela ilha do Caribe. [...] As agitações políticas e a caótica corrida para um desenvolvimento deformado, a qualquer preço, não estão levando em conta os valores cristãos de dignidade, respeito e reconhecimento mútuos. Foram esquecidos também o sentido social da empresa, a responsabilidade social do empresário e o dever de liderança das elites religiosas e culturais, com graves consequências e perda de prestígio de

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

nossas instituições. [...] (Sociedade de Estudos Interamericanos: Diário de Pernambuco, 06/11/1960)

A Sociedade de Estudos Interamericanos definiu qual era o conceito de nacionalismo para o DP: uma sociedade capitalista, cristã e empresarial. Essa defesa da ordem ocidental e o discurso anticomunista do periódico não são apenas meros reflexos ideológicos da polarização estabelecida pela Guerra Fria, mas também a defesa dos interesses próprios do periódico. Assim, “a defesa da democracia e da liberdade”, o “horror às ditaduras”, o “nojo aos comunistas” etc., estão também ligados ao caráter empresarial do periódico. Nelson Werneck Sodré, em seu livro sobre a história da imprensa brasileira, discorre:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. [...] Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte” (SODRÉ, 1999, pp. 275)

A mudança de postura do DP no começo dos anos 1960 deixou o apoio comedido ao governo revolucionário no passado. A sensação de esperança foi substituída por duras críticas à Revolução, ao projeto revolucionário e especialmente a Fidel Castro. Os discursos do primeiro-ministro contra as pretensões hegemônicas dos Estados Unidos em Cuba se tornaram centrais na legitimação da retórica anticomunista do periódico na luta contra o socialismo e suas vertentes.

Conclusão

A Revolução Cubana foi abordada pelo DP, no início, com um apoio muito

cauteloso, pois o caráter do governo revolucionário e os possíveis elementos comunistas eram fatores preocupantes. Contudo, a postura do periódico era esperançosa e favorável, pois a ausência da ditadura de Fulgêncio Batista significou uma chance para a redemocratização em Cuba. Entretanto, essa noção foi gradativamente se esvaindo e dando espaço a uma oposição maniqueísta a Fidel Castro e ao processo que levou Cuba ao socialismo à medida que os Estados Unidos puseram em prática sua oposição.

O processo revolucionário cubano ousou ir de encontro aos moldes liberais estabelecidos no ocidente. Por causa disso, o DP passou a se opor a qualquer medida que tomasse o governo de Fidel Castro. Em nenhum momento, durante o processo de análise dos textos no periódico, houve espaço para matérias ou opiniões que destoassem da lógica anticomunista e liberal estadunidense. A ofensiva do periódico contra Cuba era também a defesa dos interesses hegemônicos dos Estados Unidos e do “mundo livre”.

No momento em que o governo cubano tentou empreender as reformas econômicas, políticas e sociais; tais reformas foram os principais motivos de acusação sobre o caráter ideológico do governo cubano no DP. Especialmente por causa da Guerra Fria, as reformas propostas pelo governo cubano eram radicais demais para o contexto bipolar.

Em Cuba, o projeto revolucionário tentou mudar as estruturas herdadas da colônia. A eliminação dos latifúndios, as campanhas de alfabetização e a reforma urbana foram exemplos do rompimento com um passado colonial. Essas características, na lógica anticomunista, foram consideradas subversivas por setores da sociedade e pela mídia hegemônica do Brasil. Entretanto a radicalização desses

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

projetos e a adesão ao socialismo, em 1961, foi uma consequência da oposição dos Estados Unidos à tentativa de desenvolvimento autônomo cubano.

Dessa forma, o ano de 1960 pode ser considerado o marco temporal em que a oposição a Fidel Castro se consolidou no Diário de Pernambuco. Friso aqui a importância de esclarecer que essa oposição está em consonância com as posições dos Estados Unidos. Assis Chateaubriand, proprietário do periódico, garantiu que a defesa dos interesses estadunidenses tivesse espaço nas folhas do Diário pois seus empreendimentos “refletem os valores pessoais de Chateaubriand, sendo obra deste, inspira-se ainda da visão de um Brasil industrial, capitalista, democrático e aliado do Ocidente.” (WAINBERG, 2003, pp. 278)

A partir de então, o periódico tentou demonstrar o caráter nefasto à ordem ocidental que o governo do primeiro-ministro Fidel Castro representou. Ao passo que Cuba foi empurrada ao socialismo, as tensões se ampliaram e a Ilha se aproximou da União Soviética, enquanto a América Latina viu a origem de regimes militares como consequência da complicada conjuntura da região e da inegável intervenção dos Estados Unidos em conjunto com os grupos anticomunistas locais.

Fontes

Periódicos

Diário de Pernambuco

A história de Fidel Castro e da libertação de Cuba. Diário de Pernambuco, Recife, 04/06/1959.

ATHAYDE, Austregesilo. Morta a liberdade em Cuba. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 22/05/1960.

CHATEAUBRIAND, Assis. A ilusão de um espectro. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 21/02/1960.

Cuba: Ponte do comunismo na América Latina. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 06/01/1960.

FERNANDES, Aníbal. A resposta à imposição. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 09/04/1958.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 19/07/1959.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 08/12/1959.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 21/02/1960.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 03/03/1960.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, Primeiro Caderno, 23/10/1960.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 29/10/1960.

FERNANDES, Aníbal. Momento internacional. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 19/07/1959.

Fidel Castro diz que não é comunista e que o comunismo não terá êxito em seu país. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 18/04/1959.

Fidel Castro lutou cinco anos para derrubar F. Batista e restaurar a democracia em Cuba. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 03/01/1959.

Govêrno adverte: Cuba pode transforma-se numa Coréia. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 26/01/1960.

A Revolução Cubana no Diário de Pernambuco: do apoio à oposição (1958-1960)

O novo governo cubano iniciou a árdua tarefa de salvar o país: Fidel Castro já está em divergência com o diretório revolucionário. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 11/01/1959.

Sociedade de Estudos Interamericanos. Nacionalismo ou traição cubana? Diário de Pernambuco, Recife, p. 7, Segundo Caderno, 06/11/1960.

Teme-se em Washington: governo de Fidel Castro caia em poder do comunismo. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 12/11/1959.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Autregésilo de Athayde: Biografia. In: **Pesquisa Escolar**, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ANDRADE, Maria do Carmo. Aníbal Fernandes. In: **Pesquisa Escolar**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/anibal-fernandes/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ARAUJO, I. R. de. A política de segurança dos Estados Unidos para a América Latina: Da Doutrina Truman à Doutrina Bush. **Revista Intellector** - ISSN 1807-1260 - [CENEGRI], [S. l.], v. 12, n. 23, p. 21-37, 2015. Disponível em: <http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/index.php/intellector/article/view/3>. Acesso em: 11 jul. 2023.

AYERBE, Luiz Fernando. **A revolução cubana**. Coleção Revoluções do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Edição Kindle.

BRUIT, Héctor H. Revoluções na América Latina In: **Discutindo a História**. São Paulo: Atual, 1988.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Editora Veneta, 2015.

GASPAR, Lúcia. Diário de Pernambuco. In: **Pesquisa Escolar**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/diario-de-pernambuco-jornal/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HOBBSAWM, Erick. **Viva la revolución**: A era das utopias na América Latina. Tradução de Pedro Maia Soares. – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MENDES, Vannildo. MILENA, Antonio. ESPECIAL - Governo de Fidel prepara o fim do "paredón" em Cuba. In: **Agência Brasil**: Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-09-24/especial-governo-de-fidel-prepara-fim-do-paredon-em-cuba>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Pettinà, Vanni. **Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina**. México, El Colegio de Mexico AC, 2018.

RIBEIRO, M. V. A Liga Anticomunista Mundial e a Confederação Anticomunista Latino-Americana: um caso de cooperação anticomunista intercontinental na América Latina (1972-1977). **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], n. 39 (jul./dez.), p. 103–118, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2018v39n39.41117. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/41117>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SABADINI, Geanini. **Uma ilha na imprensa brasileira**: o olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a revolução cubana. Monografia - Universidade Federal da Fronteira Sul. Rio Grande do Sul, 2014.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992.

SCHEIDT, Eduardo. A questão da soberania nacional nas revoluções latino-americanas. In: SILVA, Ana Paula Barcelos Ribero da (org). TERRA, Paulo Cruz (org). GUHUE, Ana Carolina (org). **Narrativas de Formação da Nacionalidade**: nação, identidade e memória no Brasil e na Ibero-América [do século XIX ao XXI]. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª. ed. Rio de Janeiro, 1999.

TURIAL, Thais Rosalina de Jesus. **A sacralização da revolução**: festas religiosas, igreja católica e Estado em Cuba (1953-1970). 2018. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

WAINBERG, Jacques A. **Império de Palavras**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.